

COMENTÁRIO BÍBLICO

2º Domingo do Advento – Ano B

06dez2020

Isaías 40,1-11; Salmo 85,9-14; 2 Pedro 3,8-15^a

S. Marcos 1,1-8

¹Este é o princípio da boa novo, o evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus. ²É como está escrito no livro do profeta Isaías:

Enviarei o meu mensageiro à tua frente, para te preparar o caminho.

³É a voz daquele que clama no deserto:

Preparem o caminho do Senhor e abram-lhe estradas direitas.

⁴Assim apareceu João no deserto a batizar e a proclamar o batismo em sinal de arrependimento para perdão dos pecados. ⁵Toda a gente da Judeia e os habitantes de Jerusalém iam ouvir João Batista. Confessavam os seus pecados e ele batizava-os no rio Jordão.

⁶João usava uma vestimenta de pelo de camelo com cintura de couro e alimentava-se de gafanhotos e de mel apanhado no campo. ⁷E dizia assim ao povo: «Depois de mim virá alguém com mais autoridade do que eu, e nem sequer mereço a honra de me curvar diante dele para lhe desatar as correias das sandálias. ⁸Eu batizei-vos em água, mas ele há-de batizar-vos no Espírito Santo.»

1. Com a leitura do Antigo Testamento de hoje, Isaías 40, 1-11, inicia-se a segunda secção do livro de Isaías, que vai do capítulo 40 a 55, intitulada em algumas versões da Bíblia por 'Livro da consolação de Israel', cujo autor é referido por alguns especialistas como Dêutero-Isaías (século VI a.C.). Para este o inimigo do povo judeu é a Babilónia. Contrasta, portanto, com a secção anterior (capítulos 1 a 39), da autoria do Profeta Isaías (século VIII a.C.), tanto nos oráculos, geralmente ameaçadores, como na indicação da Assíria como o inimigo do povo judeu.

O tema desta secção é a 'consolação' por referência aos primeiros versículos e, também, por expressar a promessa de restauração do Senhor: terminou a escravidão do povo e prepara-se um novo êxodo, conduzido por Deus. Então, o Senhor clama pelo anúncio da boa nova aos deportados para a Babilónia:

*«Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus,
falai ao coração de Jerusalém e dizei-lhe em alta voz
que o seu serviço está cumprido,
que a sua iniquidade está expiada,
que ela recebeu da mão do Senhor paga dobrada por todos os seus pecados».*

Num mesmo espírito, o evangelho de S. Marcos anuncia-nos uma *boa nova* centrada na pessoa de Jesus Cristo, Filho de Deus, como princípio de um novo tempo a descobrir, a aceitar, a cumprir na convicção plena de que em Deus tudo é novidade. Como diz o salmista (Salmo 85, 10): «*Na verdade, a sua salvação está sempre perto daqueles que o honram; e a sua glória habitará na nossa Terra*».

E neste tempo de sombras e dificuldades, como estamos sedentos de boas novas!

2. João Batista, no deserto, batiza e proclama o batismo do arrependimento para perdão dos pecados (vers. 4). Pecado é palavra que se vai evaporando do nosso léxico quotidiano, aparecendo somente em ambiência litúrgica. E, no entanto, é uma expressão que contém em si a nossa identidade perante Deus e os homens: crentes e pecadores. Pecado, não é somente o erro ou a falha, é o que causa sofrimento a alguém, é da ordem da moral, isto é, da nossa inteira responsabilidade. Um mal que está nas nossas mãos erradicar, a injustiça, a iniquidade, a quebra de comunhão com Deus e com os outros (I João 2, 3-6).

Pensemos bem no que somos e no que queremos: somos angustiados e queremos a segurança; vemos o mundo em função da utilidade e por isso retiramos a liberdade a tudo; temos intenções e por isso nos constrangemos, falsificamos as coisas e modificamos a realidade; e voltamos sempre a nós próprios, o que tantas vezes obstaculiza o caminho que conduz à verdade das coisas e à realidade dos outros. Se repararmos bem nas narrativas evangélicas percebemos que Jesus nas suas parábolas e nos seus diálogos com as gentes, ao invés de ensinar religião, antes, procura que descubramos o que somos e o que fazemos para depois nos propor a mudança. E isto é tão relevante que até ateus de nomeada como os britânicos Richard Dawkins (autor do livro “A desilusão de Deus”) e Philip Pullman advogam o estatuto cultural da Bíblia e recomendam a “leitura e o ensino de histórias e parábolas bíblicas nas escolas, embora em conjunto com contos populares e mitos” (John Borton, “Uma História da Bíblia”, Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2019). Ou seja, somos pecadores porque somos humanos e temos de encarar tal condição com seriedade, humildade e, até, humor, pois, «*Se dissermos que não temos pecado nenhum, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele, que é fiel e justo, perdoará os nossos pecados e nos purificará de toda a injustiça*» (I João 1, 8-9).

3. Mas, a mudança a que somos chamados não é uma qualquer. É da ordem da palavra grega *metanoia*, que quer dizer mudar de atitude e converter-se a Deus. Era o que João Batista dizia aos que iam ter com ele no deserto: convertei-vos e mudai de mentalidade. Há duas semanas, no Encontro Internacional “A Economia de Francisco”, em Assis, o Papa Francisco referiu algo de parecido na sua mensagem final aos jovens: “Precisamos de uma mudança, queremos uma mudança, procuramos uma mudança”. E explicou: “mudança de estilo de vida, dos modelos de produção e consumo, e das estruturas consolidadas de poder que hoje regem as sociedades”. Ou seja, uma mudança que se fundamenta numa nova mentalidade que altere o *modus faciendi* a que nos habituamos. A questão é que, na lógica popular, só muda quem não está bem. O que significa que tal ‘mudança’ não será muito querida para quem se sente bem com a vida que tem. A não ser que por opção própria se ponha a caminho, alterando os valores do seu atual estilo de vida. Então, o que está no centro deste apelo à mudança só pode ser a “conversão”, a adesão a uma nova versão do modelo de vida, um novo olhar para a realidade para além do interesse próprio e imediato, um cuidado particular pelos excluídos, os pobres e os desempregados. Para nós, cristãos, há um modelo, Jesus Cristo, com o Seu particular interesse pela vida dos pobres e enfermos, pela felicidade dos que sofrem e pela alegria dos que perderam a esperança. Sim, hoje, somos chamados a convertermo-nos à humanidade de Jesus e a pô-la em prática alterando tudo aquilo que é o lado *pecaminoso* do nosso modo de estar, isto é, o que nos encerra nos nossos interesses próprios e nos faz esquecer os dos outros. Assim podemos redescobrir a nossa verdadeira humanidade e “o sonho de Deus de que aprendamos a ser guardiões dos nossos irmãos e irmãs e dos mais vulneráveis” (Génesis, 4,9).

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana